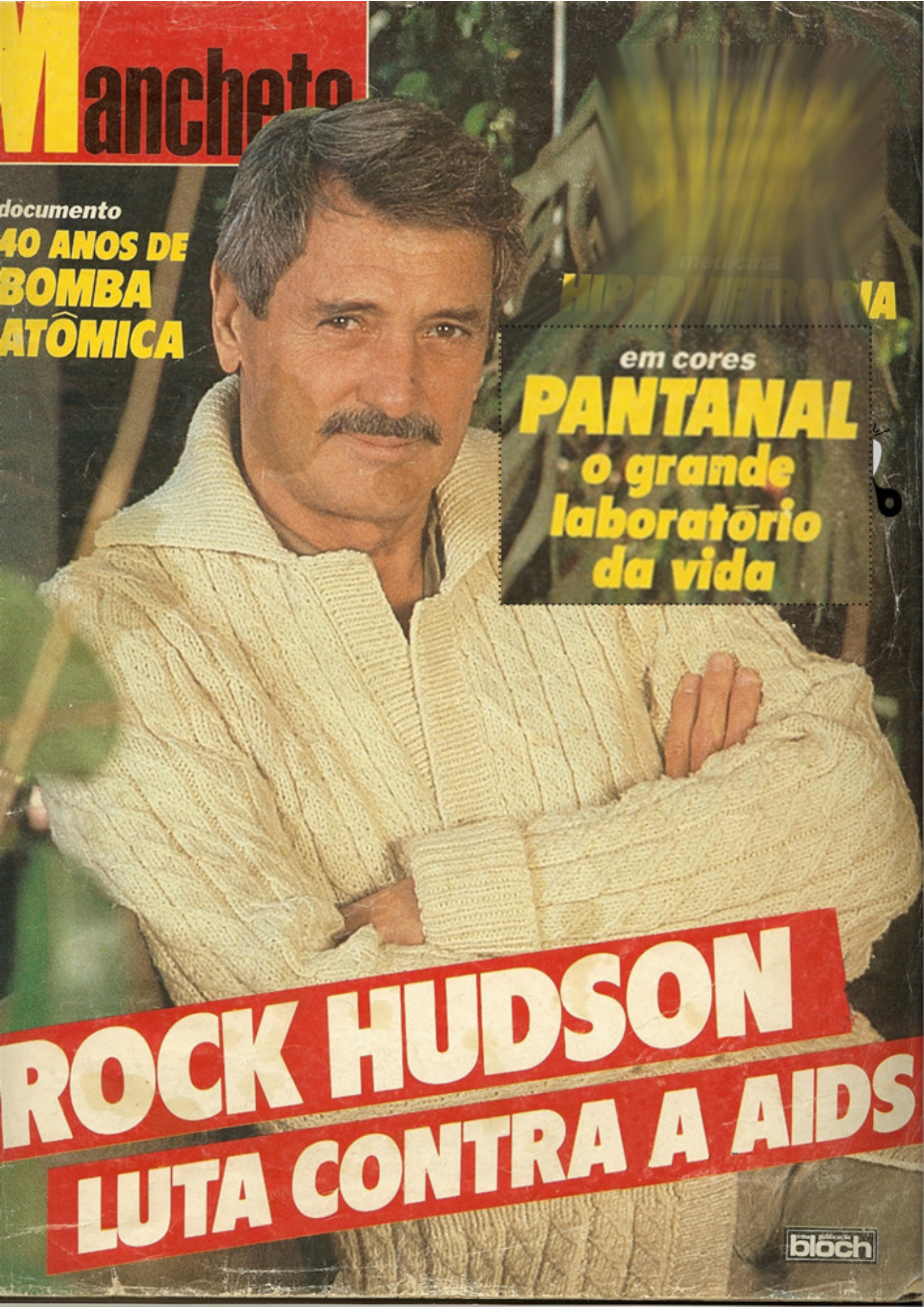




Manchete

documento
**40 ANOS DE
BOMBA
ATÔMICA**

medicina
HIPERTENSÃO

em cores
PANTANAL
o grande
laboratório
da vida

ROCK HUDSON
LUTA CONTRA A AIDS

publicação de
bloch



PANTANAL

Reportagem de Joaquim Maria • Fotos de Carlos Humberto TDC

O GRANDE LABORATÓRIO DA VIDA

Maior reserva biológica do mundo em terras contínuas, o Pantanal Mato-Grossense tem 240 mil quilômetros quadrados de área, equivalente — em superfície — a países como a Austrália, Holanda, Irlanda e Suíça somados. Nessa extensão, convivem mais de 1.500 espécies de animais, 20 delas à beira da extinção. Nesse mundo à parte, o homem é um intruso. Muitas vezes, um predador perigoso. Essa relação entre o ser humano e o que talvez seja o complexo ecológico mais sui generis do mundo é o foco desta reportagem. O Pantanal é uma explosão biológica que obedece apenas às regras imponderáveis da natureza. Se o homem se integrasse melhor a esse universo e criasse algumas regras para si próprio, o Pantanal deixaria de ser um paraíso ameaçado para ser um exuberante laboratório da vida.

SECTE

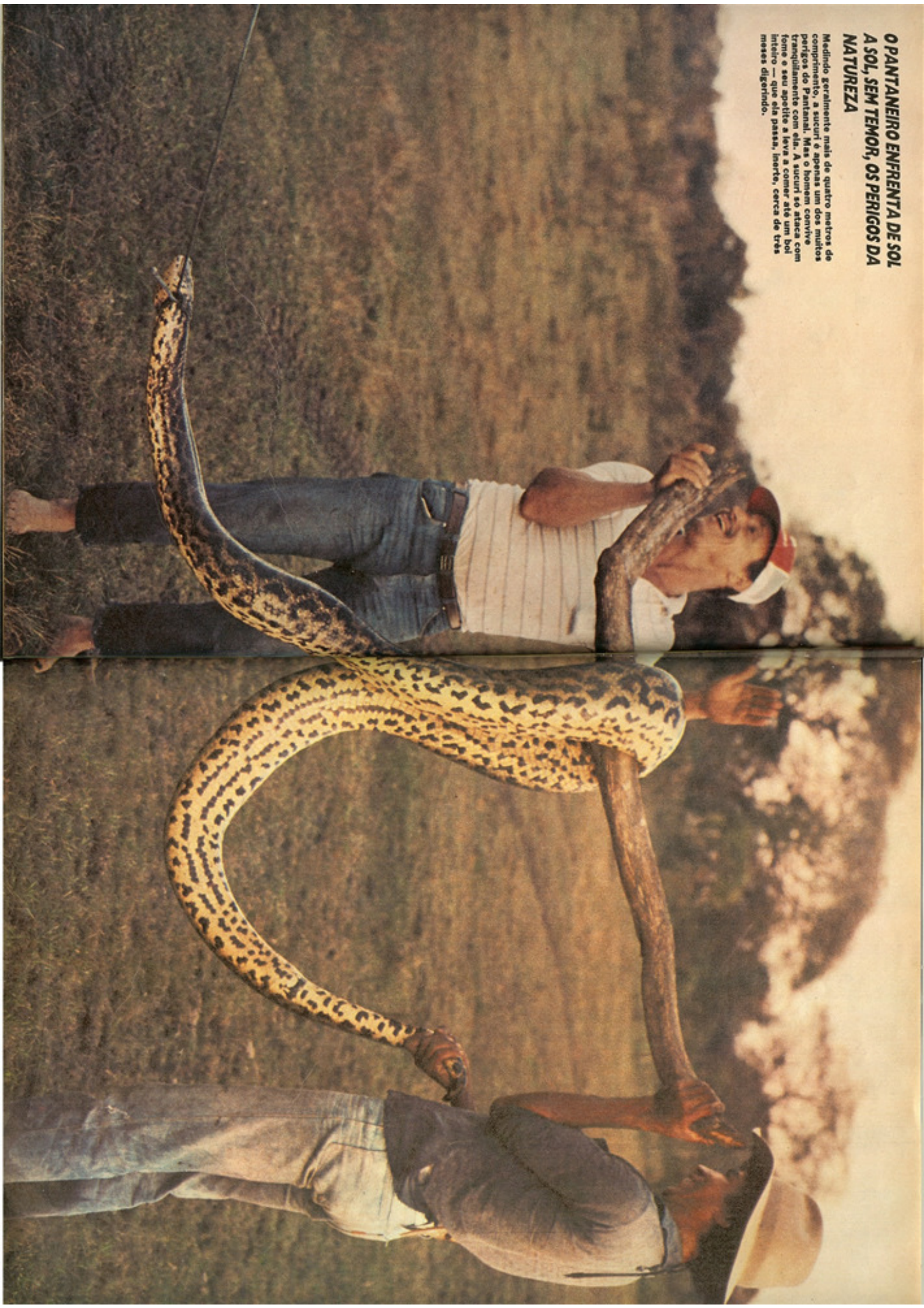


**MILHOES DE AVES
TRAÇAM A POESIA
AGRESTE DO CEU DO
PANTANAL**

Conhecido pelo
desturbinante entardecer,
de matizes variados, o
Pantanal vibra nessa hora
do dia com a explosão alada
dos passaros exclusivos
da região.

O PANTANEIRO ENFRENTA DE SOL A SOL, SEM TEMOR, OS PERIGOS DA NATUREZA

Medindo Geralmente mais de quatro metros de comprimento, a sucuri é apenas um dos muitos perigos do Pantanal. Mas o homem convive tranquilamente com ela. A sucuri só ataca com fome e seu apetite a leva a comer até um boi inteiro — que ela passa, morta, cerca de três meses digerindo.



"O gozado no Mato Grosso é que o mato não é grosso e o Pantanal não é um pantano." O pecuarista Ramúlio do Amaral, de Corumbá, Mato Grosso do Sul, chamada com orgulho de Capital do Pantanal, observa estes dois detalhes. Mas tem toda razão. A vegetação dominante na região é o cerrado e, em alguns pontos, as capoeiras, tudo mais ou menos esparsas. A topografia é suavemente ondulada ou, em muitos locais, completamente plana. Não constitui um pantano, porque esta denominação pressupõe um brejo improdutivo. O Pantanal de quanto do Mato Grosso do Sul, é uma formação silico-calcareia que, inundada regularmente pela extravasão de águas do rio Paraguai e seus afluentes, fica submersa nos meses de janeiro a julho. É a época das cheias. Em julho começa a época das vazantes. É aí que a terra, fertilizada pelos produtos orgânicos arrastados pelas águas, propicia o crescimento do capim-mimoso, que torna a região o maior pasto natural de todo o país. Por isso a criação de gado da raça nelore, excelente para fornecimento de carne, é a grande riqueza de todo este trecho do país. Para se ter uma idéia comparativa, basta verificar que, no ano de 1973, apenas a exportação de bovinos em Corumbá — 354.000 cabeças — era igual a toda a população bovina de qualquer grande município do Estado do Rio Grande do Sul. Mas isto foi em 1973, último ano antes da sequência de 12 anos consecutivos de cheias no Pantanal. Esses anos de cheias catastróficas fizeram a produção de gado de corte, em 1985, cair para a metade do que era em 1973; mais de 2 milhões e 600 mil cabeças.

"O pantaneiro é um herói", Manoel Martins de Almeida, presidente do Sindicato Rural de Corumbá, acredita que o pantaneiro é uma espécie em extinção. Segundo ele, hoje os jovens preferem outras ocupações, e com isso as fazendas perdem porque comem a falta de bons peões. "Não foram as cheias que fizeram cair a produção de gado aqui, porque a gente já aprendeu a conviver com elas. A verdadeira culpa é do isolamento da região, que não tem estradas de acesso nem meios de comunicação suficientes. E, mais do que isso, a culpa é dos políticos, que só ajudam os intermediários, como os grandes frigoríficos, e deixam os criadores no deus-dará." Muitos matizes nore, de boa qualidade, acabam tendo que ser vendidos, especialmente para a Bolívia e o Peru, porque o pecuarista fica sem condições de sustentar o custo da criação. Quem nos conta isto é o fazendeiro e jornalista José Feliciano, de Corumbá. Outro que constata esta situação é o fazendeiro Zélio Dorileo, da cidade de Poconé, esta já no Estado do Mato Grosso.

A MATANÇA DOS JACARÉS ACELERA O DESEQUILÍBRIO ECOLÓGICO

A caça predatória do jacaré aumenta em toda a região. Além da possível extinção da espécie, essa prática leva ao crescimento do cardume de piranhas, alimento preferencial do jacaré. Bem armado, o coureiro ignora essas questões e prossegue na matança.





O GADO SOBE E DESCE PERIODICAMENTE O PANTANAL, ACOMPANHANDO O PERPÉTUO CICLO DAS ÁGUAS

Numa operação trabalhosa, que se repete todos os anos depois que as águas baixam, os pantaneiros trazem o gado, das zonas mais altas, de volta à fazenda, para que ali o rebanho siga seu ciclo.

A falta de estradas é realmente um problema sério. José Feliciano tem uma fazenda em Corumbá. Para chegar até lá, o caminho é um *pouquinho* complicado: pega um trem em Corumbá, percorre 413 quilômetros até Campo Grande, de lá pega um carro, roda mais 300 quilômetros e então chega à sua fazenda, em Corumbá. Uma volta de mais de 700 quilômetros para chegar a uma fazenda que, em linha reta, não dista mais de 150 quilômetros do centro da cidade. O outro meio de transporte é o avião, proibitivo para a grande maioria dos

fazendeiros: uma viagem para uma fazenda fica em nada menos do que 1 milhão e 300 mil cruzeiros. Quem pode tem avião quem não pode simplesmente não consegue atingir a fazenda, no período das cheias. Um outro fazendeiro — ou pecuarista, como preferem ser chamados —, para ir de carro até suas terras, que ficam a pouco mais de 150 quilômetros, por estrada, precisa ir até Morrinhos, perto de Albuquerque, depois colocar o carro (um jipe, ou camioneta; carro de passeio nem passa) numa balsa e subir o rio Cuibá por umas oito horas. Daí de-

sembra o carro e segue mais umas três horas. Sempre com o maior cuidado. Ou seja, doze horas interitas para cobrir menos de 200km de distância.

O jipe é usado para varar o Pantanal como se fosse um tanque blindado, de fazenda a fazenda. Tem que ser forte como o pantaneiro, resistente como o gado nelore, valente como a inhuma.

O outro problema é a falta de comunicação. Telefones somente nas cidades. O artifício de que se valem os pecuaristas e trabalhadores que desejam se comunicar é o ra-

diotransmissor. E, para os recados mais urgentes, que não podem depender de horários preestabelecidos para contatos via rádio, a saída é mesmo o programa *Alô, Pantanal*, da Rádio Difusora, ou a *Hora do Fazendeiro*, da Rádio Educação Rural. Por uma taxa de mil cruzeiros, pode-se enviar uma mensagem a quem se deseja atingir, no programa das cinco da manhã, do meio-dia ou das oito da noite.



No alto, a Fazenda Tupacireta, cercada de água e verde. Ao centro, a São Vicente, onde o avião já foi incorporado. Acima, na ilha Camargo, uma pista de jato liga o homem das megacidades ao coração do Pantanal.

Algumas dessas mensagens são até piscinárias, mesmo levada em conta a seriedade com que o pantaneiro as utiliza. Alguns exemplos:

“Alô, Pantanal. Miguel avisa que não pode ir para a Fazenda Santa Mônica hoje porque o cheque do putinho está sem fundos. Quem ouvir, favor avisar.”

“Atenção, Fazenda Porto Alegre. Atenção, senhor Quintino. Seu capitão manda avisar que a sua filha se perdeu com um marlinheiro.”

“Alô, Pantanal. Sebastião manda avisar ao Agripino da Fazenda Laranjeiras que sua mulher tá passando mal no hospital e que seu pai já morreu. No mais, tudo bem.”

A Fazenda São Lucas do Monjolo fica perto do *putimozinho* — (jargão) de Albuquerque. Um dos pedós, Gilberto Guedes, trabalha ali há 15 anos. Lembra-se do tempo em que o ciclo da seca era certo e previsível.

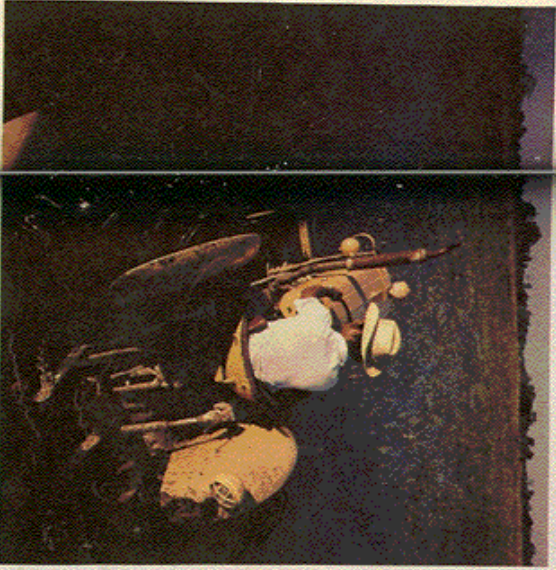
“Hoje está tudo mudado. Onde se viu 12 anos seguidos de enchentes? Mas antes o rio Cuatã virava pasto de gado invernar no período das secas. O pasto melhor mesmo para seca é o capim-estrela-africana. E o único que aguenta sem água. Tá a terra seca e ele tá lá, verdinho, que nem folha de bo-cuitiva.”

Gilberto trabalha o gado. Nei também. Nei é chamado *porteiro*, aquele que fica à frente da boiada, fazendo com que ela o siga. Nos flancos da boiada seguem os *fadões*, que evitam que algumas reses se extraviem. E, lá atrás, vêm os *culateiros* — ao que parece, seguindo na *culatra* (!) da boiada. Nei lamenta que o peido de campo, ou *campeto*, seja tão mal pago.

“O campeto arisca a vida todo o dia. Uma rodada do cavalo no lodo do Pantanal, um azar com o lago — o lago tora um peido no meio! Ou um touro neiorado meio *atrelado*. Uma vez um campeto nosso, aquele de ca-beça lambida, lembra, Gilberto?, teve que enfrentar um touro pentado que vinha pra cima dele. Salu fora, e o macho bateu os guampos numa prancha de arceuta, que *ra-chou!* Se pega ele, esmigalha todinho!”

O boi doméstico que se perde ou fica isolado por causa das enchentes acaba se asseivando, fica feio. Recebe então o nome de *bagua*. Isto até deu mote para a criação de um novo verbo: *baguinar*. Baguinar é trazer para o mangueiro um boi refofo, na força do lago e da chincia. Pul-quêro, pelo dos antigos, já falecido, era conhecido por gostar de *alofiar* (brigar) com baguas. Mas de uma vez escapou de ficar nos guampos de um.

Dois instrumentos muito úteis no trabalho de campo são o *berriante* e o *reberque* (uma espécie de chicote que faz um barulho seco, um estampido que parece um tiro). Embora a grande maioria dos vaqueiros pantaneiros ainda se valha mais do grito do que de qualquer instrumento. Mas o que não falta é a faca e a chaira de altar, numa banhinha, enfia-da no cinto, às costas. A cintura, o revólver calibre 22 — a bola é mais barata. Mas para defesa. Problemas mesmo são outros. João Francisco de Oliveira, proprietário da Fazenda Berenice, entre Corumbá e Miranda, garante que o estudo social do homem pantaneiro é uma coisa muito séria.



AS NOVAS GERAÇÕES SEMELHAM O FUTURO NO PANTANAL

Tres gerações almoçam na Fazenda Berenice, a primeira a utilizar o *bret* australiano, ou curral circular. Acima, homem e trator unidos para varar o Pantanal.

“O incesto, principalmente entre pai e filha, ainda é bastante encontrado entre os peões. Até o conceito de propriedade é esquisito: às vezes, a divisa de bem, até a mulher é colocada no negócio.”

João Francisco está com a perna quebrada, e por isso leva o apelido de João Coste, que é como se chama o boi manco, ou coxo. É neto do primeiro médico que chegou a Corumbá, Gastão da Silva Oliveira. Em 1913 o Dr. Gastão requereu 7.500 hectares do governo. E foi comprando terras, comprando terras, e terminou com uma propriedade de 33.800 hectares. Foi quem introduziu, na região, o curral circular, nos moldes do *bret* australiano. A fazenda, hoje, está dividida pelos herdeiros do Dr. Gastão e se transformou em três: a Berenice (sede da antiga fazenda), a São Paulo e a São Vicente. Uma autêntica reforma agrária familiar, pois a próxima geração a herdar a terra já conta com um total de 28 pessoas. A propósito, a Fazenda São Vicente, de propriedade de Roberto Stoll, é uma das únicas fazendas do Brasil a executar um projeto, apoiado pelo IBDF, de criação racional de jacarés. Já são 700 os primeiros jacarés criados ali. O próximo passo será o beneficiamento da carne.

Poconé, pequena cidade a 100 quilômetros de Cuatã, é chamada de *Porteira do Pantanal*. É ali que começa a Transpantaneira, estrada que atravessa o Pantanal até as margens do rio Cuatã, em Porto Jofre. Em verdade a estrada continuaria até Corumbá, mas o trecho do Mato Grosso do Sul está intratável. Mas, se, no Mato Grosso, além da Transpantaneira, o acesso ao Pantanal pode ser feito pelo rio Cuatã e pelo rio Paraguai, Mato Grosso do Sul tem a Estrada de Ferro Noroeste e a Rodovia BR-262.

Erasmio, motorista, é um cuilabano do pé rachado, como se costuma dizer, que come “*pêchê* com *malchebrê*”. Ele conta as peculiaridades do Pantanal muito grosseiro: “Camburá é madeira para canoas. Floridã, fica verde, com flores amarelas. Aguarda a flor rosa. O Pantanal, na cheia, é perigoso pra ir pastar, precisa matar um boi e jogar pras piranhas. Enquanto elas comem aquele, o resto da boiada atravessa sossegado. Jacaré fica muito tempo sem precisar beber água. Às vezes a água vaza muito depressa e o jacaré fica preso no lodo. E aguenta quietinho, até chover outra vez. Quando chega alguma onça perto, ele finge de morto. Se a onça tiver muita fome, come ele. Senão, chieira e vai embora. O passaro mais bonito do Pantanal é o tuiú, que voos chamam de jaburu. Nunca anda de bono. Só um casal. E o minto deles, no alto das árvores, é tão forte que pode aguentar um homem de pé dentro dele. Tem gente que mata jacaré e mata tuiú, mas de gente que mata jacaré e mata tuiú, mais de gente que mata jacaré e mata tuiú, não faz isso não. O colheiteiro tem o bico parecido com uma colher de pau. Fica cor-de-rosa porque come o tal caramujo, ele fica branquinho outra vez, que nem a garrafeira. O cabeça-seca parece o colheiteiro. Só que tem o bico preto e mergulha pra pescar, que

nem o marlin-pescador. O biguá é *desajeitado* e vive em bando. A sentinela do Pantanal é a inhuana, uma espécie de gavilão grande, que grita alto e avisa os passarinhos quando chega o perigo. Todo mundo foge mas ela fica e ataca os invasores. E é bravo que só vendem...”

A Transpantaneira é um verdadeiro aterro elevado sobre o nível do Pantanal. São 147 quilômetros, de Poconé a Porto Jofre com 126 pontes sobre o que se chama cortiços. Cortiços são aberturas deixadas de propósito para que as águas trazidas pelos rios afluentes do rio Paraguai encham o Pantanal e possam escoar, durante a vazante, sem prejudicar nem a estrada nem a ordem natural das coisas. Do contrário a Transpantaneira agria como uma barragem, deixando que o outro lado virasse um deserto. Os cultos de enchentes e vazantes, como se sabe, agem como um elemento fertilizante da terra. Na região de Barão do Melgaço por exemplo, assim que descem as águas além do belo capim-minimo que brota sozinho, a terra fica fértil para hortas de verduras e para a plantação de arroz e soja.

Lúcio Machado tem um hotel-fazenda em Barão do Melgaço. (Ali perto, em Mimoso, município de Santo Antônio do Leverger nasceu o Marechal Cândido Mariano de Silva Rondon, em plena Guerra do Paraguai. Lúcio Machado, neto do sertanista, possui uma fazenda ali, chamada Tupacireta. — Deus passou por aqui, em tupi-guarani, Lúcio se considera capaz de definir o homem pantaneiro: “O pantaneiro é simples, mas altivo. Não mexe com ninguém, mas lá de quem brigam com ele! Sai rodando de bola...”

O Pantanal tem suas feras. Onças, a cobra boca-de-sapo — a mesma jaraguá — que é tão venenosa que, quando pica uma pessoa, ela tem que sair correndo, senão é capaz de virar uma curti em cinco dias. Os jacarés não mexem com ninguém, só se esquivam com muita fome. E tem os baguas, bois que se perdem no Pantanal e acabam retornando a um estado de selvageria que os torna piores do que muita onça.

Mas o animal mais feroz do Pantanal — e isto é consenso — é o mosquito. Suas picadas são tão infernais que molestando até mesmo o peão pantaneiro, já acostumado a viver com ele. É o terror da região. Mas só aparece mesmo em bandos na época da vazante, que vai de julho até meados de outubro.

No entardecer rosado do Pantanal, quando passa pela Transpantaneira tropeça em grupos de capivaras atravessando a pista, centenas de milhares de passaros vão procurar os seus lugares para pernoitar: eis o pôr-do-sol, o sol se põe e o Pantanal se transforma em um mundo oculto. O Pantanal é considerado o maior reserva biológica de todo o mundo, em terras contínuas. São quase 1.500 espécies animais, 26 das quais encontráveis apenas ali. Um ecossistema exclusivo sem similar em nenhum local do mundo.

O Pantanal é uma reserva. Reserva de uma safra especial, não-renovável, não-desacreditável. Riqueza viva, que o homem precisa manter.